

Crenças sobre o bilinguismo: como bilíngues e leigos o compreendem?

JÚLIA COSTA MENDES¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – julia.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, tendo em vista o mundo globalizado em que vivemos, aprender uma língua estrangeira (LE) parece uma boa escolha a se fazer. Desconsiderando o pensamento ingênuo de esta ser uma necessidade exclusiva dos tempos atuais, conhecer o mundo do outro é e sempre foi muito vantajoso e enriquecedor em diversos aspectos, sejam eles individuais ou sociais. Entre eles, no senso comum, pode-se dizer que estão viajar e se comunicar na língua do povo visitado, conhecer a cultura do outro - possibilitando uma visão mais ampla do mundo, entender a forma como o outro enxerga o mundo, saber lidar com os estrangeirismos presentes em todas as línguas, ser capaz de fazer reflexões sobre aspectos metalinguísticos, etc.

Tornar-se bilíngue, portanto, pode ser uma escolha feita já na fase adulta, a partir da tomada de conhecimento dos fatores citados acima, assim como uma condição existente desde a infância, tendo em vista famílias cujos pais e avós dispõem de diferentes idiomas. De qualquer modo, a habilidade de dominar dois ou mais códigos linguísticos também exige do falante a capacidade de compreender socialmente o uso da linguagem e saber como adaptar-se linguisticamente de acordo com suas necessidades, transitando de maneira coerente entre os códigos de que dispõe.

É nesse sentido que se pode afirmar que atualmente o monolíngue tem se tornado cada vez mais raro, ao contrário do que se acredita. Mais da metade da população mundial, de acordo com HARDINH e RILEY (1986), é bilíngue, o que torna ainda mais importante o conhecimento de tal conceito no mundo atual.

Sobre o bilinguismo, de acordo com MOZZILLO (2001), há um *continuum* que parte dos monolíngues e que chega aos equilíngues. Nesse trajeto, pertencem à categoria dos bilíngues desequilibrados os aprendizes recentes de outra língua, aqueles que apenas leem em outro sistema ou ainda os que não querem ou não conseguem falar outra língua por razões pessoais ou de competência, mas a compreendem bem.

Esta pesquisa busca compreender a visão do sujeito bilíngue sobre seu próprio bilinguismo, assim como a visão do leigo sobre a aprendizagem de dois ou mais idiomas. Para isso, foram levantadas questões relacionadas ao comportamento do indivíduo bilíngue no que tange à cultura, à capacidade cognitiva e ao próprio conceito de bilinguismo.

2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa consiste na aplicação de um questionário contendo perguntas relacionadas à opinião dos entrevistados sobre questões referentes ao bilinguismo, como o comportamento do bilíngue com relação a si e aos outros e o quanto e como as crenças em torno de tal conceito influenciam no meio social desses indivíduos.

O questionário dispõe de dez perguntas cuja ordem de apresentação é de extrema importância para a construção de sentido do tema pesquisado. A partir deste questionário, foi possível coletar informações sobre o conceito de bilinguismo do informante e sobre a relação que essas línguas têm na vida do falante. Após percorrer questões pessoais sobre as línguas aprendidas, o informante responde às perguntas chave deste questionário: o conceito de bilinguismo. As perguntas são: Que idiomas você fala?; Desde quando você fala esses idiomas e em que situação você os aprendeu?; Qual a relação que essas línguas têm para você?; O nível de conhecimento das línguas sempre foi o mesmo?; Você já sofreu algum tipo de preconceito por falar alguma das línguas?; Você acredita que bilíngues são mais inteligentes que monolíngues?; Você acha que o bilinguismo é algo positivo ou negativo? Por quê?; A identificação da cultura faz você se sentir mais ou menos bilíngue?; Você se considera uma pessoa bilíngue? e O que é bilinguismo na sua concepção?

É importante destacar que os informantes foram selecionados de acordo com o seu bilinguismo, sabendo eles ou não que fazem parte deste grupo. A proposta é justamente compreender a visão desses sujeitos sobre o bilinguismo e de que maneira isso influencia ou influenciou em suas vidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de todos os dados coletados até o presente momento, foi possível notar que existem diversas crenças sobre o bilinguismo e as demais questões que o circundam. Em todos os três grupos analisados, totalizando 27 indivíduos, apenas 2 sujeitos demonstraram saber o significado do conceito de bilinguismo e se disseram bilíngues. Além disso, esses dois informantes fazem parte do G2, o que significa que quantitativamente, os bilíngues de outras áreas sentem-se mais à vontade com seu próprio bilinguismo que os bilíngues do G1, ou seja, professores bilíngues em formação ou já formados que formam outros indivíduos bilíngues. No grupo dos bilíngues de Letras, somente um informante apresentou uma resposta diferente das demais, afirmando não saber o conceito do termo e, portanto, preferindo não opinar.

No que tange ao preconceito com LE, nos grupos 1 e 2 os únicos sujeitos que sofreram algum preconceito afirmaram que não foi por questões sociais ou históricas, mas sim por crenças em torno da formação em licenciatura de língua portuguesa aqui no Brasil ou, então, por serem homens falantes de língua francesa no Brasil, o que poderia estar ligado à opção sexual desses sujeitos. Já o terceiro grupo apresentou crenças com relação à própria língua materna, fazendo comentários como: “eu falo mesmo é o português, mas também não muito bem...”. Isso prova que a crença de que falar bem é dominar a norma padrão culta da própria língua materna continua sendo propagada. Infelizmente, ainda hoje as escolas de ensino regular não esclarecem essas questões, fazendo com que os indivíduos cresçam e espalhem este mito.

Sobre o bilinguismo ser considerado algo positivo ou negativo, todos os grupos concordam com a relevância social e individual do bilinguismo, apesar de não o compreenderem bem. Dos 27 informantes, apenas 3 apontaram um lado negativo em ser bilíngue. Dois deles disseram, sendo um do G1 e outro do G2, que conhecer a cultura e língua de outro povo faz com que nos afastemos da nossa própria língua e cultura. Já o terceiro informante, também do G2, afirmou que crianças que aprendem duas ou mais línguas na infância podem acabar confundindo a gramática dos dois idiomas e demorando mais para aprender a falar.

Esta crença é bastante recorrente, embora tenha aparecido somente uma vez nesta pesquisa. Uma justificativa para tal é que os informantes estavam mais focados em seu próprio bilinguismo enquanto respondiam as perguntas, não refletindo sobre outros casos de bilíngues. Apesar disso, não compreender o significado de bilinguismo é, obrigatoriamente, apresentar opiniões sobre o assunto que não estão de acordo com a realidade.

Sobre acreditar que bilíngues são mais inteligentes que monolíngues, a maior parte dos entrevistados de todos os grupos acredita que ser bilíngue facilita a aprendizagem de outros idiomas, assim como permite o indivíduo ter maior conhecimento sobre outras culturas e povos. A resposta mais recorrente foi que bilíngues não são mais inteligentes, mas sim mais capazes de desempenhar funções relacionadas à linguagem e ao seu uso. No entanto, 3 informantes do G1, 4 do G2 e 1 do G3 ainda acreditam que o bilíngue é mais inteligente que o monolíngue.

Sobre a recepção dos informantes de todos os grupos, é preciso dizer que os informantes convidados do G1 e do G3 se apresentaram bastante receptivos e interessados em participar da pesquisa. No entanto, os informantes do G3 apresentaram menor receptividade com a abordagem feita. Antes de entrevistá-los, foi preciso fazer uma apresentação breve sobre minha formação e sobre a intenção do questionário, assim como foi feito com os informantes dos demais grupos. Porém, alguns dos informantes do G3 se sentiram um pouco intimidados e, de todos os 10 convidados a responder o questionário, 1 sujeito não quis participar. Os demais participaram normalmente, ainda que as entrevistas tenham sido as mais curtas, variando de 2min até 5min, e as respostas tenham sido igualmente curtas.

4. CONCLUSÕES

Os resultados da presente pesquisa apontam para as hipóteses inicialmente levantadas – o bilinguismo, bem como as diversas questões que o circundam, está permeado de mitos e crenças que interferem no ensino e aprendizagem de LE.

De modo geral, é preciso dizer que os grupos aqui analisados apresentaram respostas razoáveis em grande parte do questionário. Isso é bastante favorável, pois mostra que apesar da existência de diversas crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas, ainda apareceram respostas cujas crenças não foram identificadas, ou então não foram confirmadas de forma unânime em nenhum dos três grupos analisados.

No entanto, houve a presença de crenças em todas as questões abordadas, comprovando as hipóteses inicialmente levantadas. Isso é bastante negativo para ambos os lados: dos alunos, por continuarem a propagar ideias erradas e muitas vezes preconceituosas sobre o bilinguismo; e principalmente dos professores, aqueles que já se formaram ou estão em formação acadêmica que continuarão a difundir tais mitos e crenças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS, A. M. F. 2001. **Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v.1, n.1, 2001.
- _____. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas**. Linguagem e Ensino, vol. 7, n1, 2004.
- BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. **Crenças e Ensino de Línguas. Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BASSO, E. A. **Quando a crença faz a diferença**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BAKER, C. **A Parents' and Teachers' Guide to Bilingualism (4th edition)**. Canada. Copyright, 2014.
- COELHO, H. S. H. **“É possível aprender inglês na escola?” Crenças de professores sobre o ensino de inglês em escolas públicas**. Campinas, SP. Pontes, 2006.
- COSTE, D. MOORE, D. ZARATE, G. **Compétence plurilingue et pluriculturelle**. Version révisée et enrichie d'un avant-propos et d'une bibliographie complémentaire, 2009.
- COUTO, H. **Linguística, ecologia e ecolinguística. Contato de Línguas**. SP : Contexto, 2009.
- DEWEY, J. **Howwethink**. Lexington, MA: D. C. Heath, 1933.
- GARBUIO, L. M. **Crenças sobre a língua que ensino: foco na competência implícita do professor de língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- HARDING, E.; RILEY, P. **The Bilingual Family: a Handbook for Parents**. USA, Cambridge University Press, 1986.
- JOURNET, N. **Grandir entre deux langues - Entretienavec Barbara Abdellilah-Bauer et RankaBijeljic-Babic**, Revista SciencesHumaines. Disponível em: http://www.scienceshumaines.com/grandir-entre-deux-languesentretien-avec-barbara-abdellilah-bauer-et-ranka-bijeljic-babic_fr_34976.html, 2015.
- KRASHEN, S. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. University of Southern California, 1982.
- LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.
- MOORE, D. **Plurilinguismes et école**. Paris, Editions Didier, collection LAL, Paris, 2006.
- MOZZILLO, I. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo : ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001.
- PAJARES, F. M. **Teachers' beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct**. Review of Educational Research, v.62, n. 3, 1992.
- SELINKER, L. **Interlanguage**. IRAL, International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 1972.
- SILVA, K. **A Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em LEstras (Inglês)**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2005.
- VIEIRA, J; MOURA, H. Língua estrangeira: direito ou privilégio? In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, H. **O direito à fala. A questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.